



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

**Do acesso à garantia: Estratégias de Acesso e Controlo entre
Clientes e Trabalhadoras de Sexo na Terminal Rodoviária, Cidade
de Maputo**

Autor: Justino António Cossa

Supervisor: dr. Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo Dezembro de 2014

**Do acesso à garantia: Estratégias de Acesso e Controlo entre Clientes e
Trabalhadoras de Sexo na Terminal Rodoviária, Cidade de Maputo**

Autor

Justino António Cossa

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

O Supervisor

O Presidente

A Oponente

Maputo, Dezembro de 2014

Declaração de Originalidade

Declaro por minha honra que este relatório de pesquisa nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que o mesmo constitui o resultado da minha investigação pessoal, e estão indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

Justino António Cossa

Dedicatória

Dedico este trabalho ao Prince Tony, ao meu irmão Zito (Mhonge), aos meus sobrinhos Ntutu e Tino. Dedico, igualmente, à memória do meu pai, António Cossa.

Agradecimentos

Preciso da mediação do outro para o que ser o que sou. Sinto que sem as pessoas que abaixo menciono, uma parte do que sou hoje não existiria.

Em primeira instância agradecer a Deus, todo-poderoso, por ter iluminado o meu caminho durante os quatro anos de frequência na academia.

Ao meu supervisor Emídio Gune que, incansavelmente, contribuiu para que este trabalho se realizasse, as suas críticas e orientações foram cruciais. Admiro as suas competências como profissional, mas também como pessoa que soube/sabe dedicar as suas energias para nos ensinar a ser e estar, não só na academia mas também, em outras esferas sociais.

A todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia que, cada um, a sua maneira, transmitiram-me as ferramentas teórico-epistemológicas básicas para pensar e fazer antropologia.

Aos participantes deste estudo, que forneceram-me informação e disponibilidade para conversar acerca do quotidiano do trabalho sexual.

A todos os meus colegas do curso, sobretudo, Horácio, Luís Mugube, Laércio, Nivalda, Marta Estedy, Inácio, Domingos, Nélio, Malhuky, Malipa, Hélder Macuácuca, Igor Inroga e David Nhazilo, por terem partilhado comigo as suas críticas e sugestões.

Ao meu tio Gabriel Cossa, à minha mãe Antonieta Cossa, à Ana Clara e Dércia Cossa, ao Mussá Cossa, pela influência que exerceram influência para o sucesso da minha vida académica e pessoal.

Aos meus companheiros do quotidiano, Markov (Benito), Madoda (Castigo), Khenety (Jonas), Tchelela (Chico), Mukhite (José), pelos maus e bons momentos que juntos passamos.

E a todos que, directa ou indirectamente, tiveram desempenho na minha vida académica e não só

Khanimambo.

Resumo

O presente estudo analisa os conflitos que ocorrem entre um grupo de trabalhadoras de sexo nas barracas situadas perto da terminal de mercadorias das alfândegas na cidade de Maputo. Na literatura o assunto é discutido à luz de duas perspectivas. Uma primeira que mostra que os conflitos ocorrem entre prostitutas nativas e imigrantes pela disputa da manutenção ou conquista do território do trabalho e, uma segunda, que defende que o conflito ocorre pelo facto de algumas prostitutas, incluindo as imigrantes, venderem seus serviços sexuais a preços abaixo do pré-estabelecido.

As referidas perspectivas permitem compreender os conflitos entre as trabalhadoras de sexo motivados pelo interesse em manter ou conquistar o território de trabalho e, aqueles conflitos motivados pelo facto de algumas trabalhadoras de sexo cobrarem preços abaixo do estipulado. Contudo, ao explorar esses conflitos apenas entre as trabalhadoras de sexo, perdem de vista o contexto mais amplo da ocorrência desses conflitos, bem como perdem de vista outros intervenientes no processo.

Com base nos dados recolhidos a partir de um trabalho etnográfico realizado em algumas barracas com trabalhadoras de sexo, clientes e vendedores, o presente estudo permite compreender que os conflitos no trabalho sexual ocorrem num contexto onde as trabalhadoras de sexo querem ter acesso e controlo dos clientes bem como das trabalhadoras de sexo mais novas. Por seu turno, os clientes querem ter acesso e controlo das trabalhadoras de sexo. Assim, diante dessa competição, o conflito ocorre sempre que mais de uma pessoa está interessada em garantir o controlo, seja de clientes ou de trabalhadoras de sexo.

Diferentemente dos estudos que exploram os conflitos numa dimensão territorial e financeira, restritos às trabalhadoras de sexo, o presente estudo mostra que para além das trabalhadoras de sexo, no quotidiano os conflitos envolvem também os clientes no trabalho sexual, e resultam do interesse pelo acesso e controlo permanente de cada grupo sobre o outro.

Conceitos-chave: Estratégia, controlo e cliente.

Índice

Declaração de Originalidade.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
1. Introdução	1
2. Revisão da Literatura	3
3. Enquadramento Teórico e Conceitual.....	7
3.1. Teoria.....	7
3.2. Conceitualização	7
4. Procedimento Metodológico	9
4.1. Técnicas de recolha de dados.....	10
4.2. Selecção dos participantes.....	11
4.3. Perfil dos participantes do estudo	11
4.4. Constrangimentos no terreno	13
5. Controlo de clientes entre trabalhadoras de sexo e vice-versa.....	15
5.1. A terminal, as barracas e os intervenientes no quotidiano do trabalho sexual.....	15
5.2. As barracas da terminal: pontos de encontro entre as trabalhadoras de sexo e os clientes	18
5.3. Estratégia de controlo entre trabalhadoras de sexo e entre os clientes e os conflitos	27
6. Considerações finais	38
Referências.....	40

1. Introdução

O presente trabalho analisa o contexto e os conflitos entre as trabalhadoras de sexo durante o exercício das suas actividades. No presente trabalho designo de trabalhadora de sexo pessoas que prestam serviços sexuais que são comprados por outra pessoa, como definem De Oliveira et al. (2003). Para estas autoras, o trabalho sexual é uma actividade que envolve as trabalhadoras de sexo e os seus clientes.

O interesse pelo assunto analisado neste trabalho surgiu pelo facto de ter visto, em dias diferentes, mulheres a discutirem nas barracas da terminal, na cidade de Maputo, a insultarem-se e a lutarem, umas com as outras. Na sequência, perguntei ao vendedor da barraca onde me encontrava, porquê elas lutavam, ao que ele explicou-me que eram trabalhadoras de sexo, e discutiam por causa dos clientes. O facto de elas discutirem, lutarem e insultarem-se, levou-me a consultar a literatura sobre os conflitos no trabalho sexual.

Da literatura analisada os conflitos entre trabalhadoras de sexo são explicadas a partir de duas principais perspectivas. Uma primeira perspectiva que defende que os conflitos resultam da competição e disputa pela manutenção de hegemonia no uso do território da venda dos serviços sexuais (De Sousa e De Oliveira 2010; Mayorga 2010) e, uma segunda perspectiva que defende que os conflitos ocorrem quando as prostitutas, incluindo as imigrantes, vendem os seus serviços sexuais abaixo do preço estipulado pelas nativas, o que faz com que estas percam os clientes a favor daquelas, o que provoca o conflito (Mendes e Marques 2009; Mossuz-Lavau e Handman 2006).

As referidas perspectivas permitem compreender como ocorrem os conflitos entre trabalhadoras de sexo em casos de disputa pela manutenção ou conquista do território da prática da actividade sexual e, em casos que algumas trabalhadoras de sexo cobram os preços abaixo do estipulado. Contudo, ao explorar esses conflitos apenas entre as trabalhadoras de sexo, perdem de vista o contexto mais amplo da ocorrência desses conflitos, bem como a existência de outros intervenientes no processo e que podem ser importantes para perceber os conflitos.

Dadas essas limitações, na presente pesquisa exploro o contexto e os intervenientes envolvidos nos diversos tipos de conflito que ocorrem no trabalho sexual. Para explorar esse contexto e os intervenientes envolvidos recolhi material etnográfico entre trabalhadoras de sexo, seus clientes e funcionários, nas barracas da terminal de mercadorias, na cidade de Maputo.

O presente trabalho está organizado em seis partes. Na primeira parte apresento a introdução e, nela, apresento as principais linhas de abordagem sobre o assunto em análise. Na segunda parte apresento a revisão da literatura onde analiso, numa forma mais extensa, as duas linhas de discussão sobre o conflito entre as trabalhadoras de sexo.

Na terceira parte apresento o enquadramento teórico e conceitual. Nesta parte discuto a teoria e os principais conceitos que norteiam esta pesquisa. Na quarta parte apresento a metodologia. Nesta parte explico o método e técnicas de pesquisa que permitiram a recolha de dados no campo, bem como a elaboração do trabalho no geral.

Na quinta parte apresento e analiso os dados. Estes dados de campo são analisados em três secções complementares que sustentam o argumento desta pesquisa. Na sexta e última parte apresento as considerações finais do presente estudo.

2. Revisão da Literatura

O debate sobre as trabalhadoras de sexo que se envolvem em conflitos durante a venda dos serviços sexuais, é discutido à luz de duas perspectivas. Uma primeira que defende que os conflitos ocorrem entre prostitutas nativas e imigrantes pela disputa da hegemonia do uso do território do trabalho e, uma segunda, que defende que o conflito ocorre pelo facto de algumas prostitutas, incluindo as imigrantes, cobrarem preços abaixo do pré-estabelecido.

A primeira perspectiva explora como o conflito entre trabalhadoras de sexo está relacionada com a pertença ou não de uma prostituta num determinado espaço. De acordo com autores como De Sousa e De Oliveira (2010), Mayorga (2010) e Piscitelli (1996) as trabalhadoras de sexo nativas entram em conflito com as trabalhadoras de sexo imigrantes por causa da disputa pelo acesso ao território de prostituição.

Segundo Mayorga (2010), num estudo feito em Madrid, na Espanha, existe um conflito entre prostitutas nativas e imigrantes, onde as imigrantes são consideradas como “outras” pelas nativas por serem não brancas e por serem estrangeiras e, sobretudo, por serem de países em desenvolvimento. Segundo a autora, esses conflitos ocorrem por causa da disputa pelo acesso ao território de trabalho. Para a autora, as prostitutas nativas consideram que apenas elas devem vender os serviços sexuais no território. Assim, sempre que as prostitutas estrangeiras procuram frequentar o local demarcado pelas nativas surgem os conflitos (Mayorga, 2010).

A explicação da autora, permite compreender o conflito territorial entre prostitutas espanholas e estrangeiras, constituídas por brancas e não brancas, devido a motivos raciais e xenófobas. Contudo, a referida explicação perde de vista outros contornos presentes nos conflitos.

Um dos autores que explora outros contornos dos conflitos é Piscitelli (1996) que, diferentemente de Mayorga, defende que as prostitutas locais discriminam as que vêm de outros lugares para vender os serviços sexuais, alegadamente por essas mulheres viverem sua sexualidade de forma livre e natural e, serem amáveis, pacientes e carinhosas para com os seus clientes.

Com uma posição ligeiramente idêntica a de Mayorga, Piscitelli (1996) defende que o conflito pelo território entre as prostitutas ocorre porque as nativas vêem as imigrantes como vítimas e incapazes de autonomia, o que faz com que elas se comportem como esposas em relação ao cliente, uma situação que desconforta as prostitutas nativas que classificam a actividade sexual como profissão e não como de afecto e carinho.

A posição de Piscitelli permite compreender que, para além das questões raciais e xenófobas, os conflitos territoriais entre prostitutas podem ser resultantes da forma como algumas prostitutas se comportam quando prestam os serviços sexuais aos clientes. Entretanto, ao focar o comportamento sexual em relação ao cliente como motivo dos conflitos, Piscitelli perde de vista o conflito territorial entre prostitutas associado a outros casos.

Ainda na mesma perspectiva encontramos Alvarez e Rodrigues (2001), que ao pesquisarem a prostituição nas cidades de Fortaleza e Belém no Brasil, concluíram que quando uma mulher chega a um prostíbulo, inicialmente, ela atende muitos clientes, e à medida que passa a ser conhecida e deixa de ser novidade no local, verifica-se uma redução dos clientes que a procuram. Para esses autores, essa tendência impulsiona a prostituta a migrar para outros lugares, a princípio dentro da própria cidade e, posteriormente, para as cidades vizinhas ou mesmo para outros países.

Segundo Alvarez & Rodrigues (2001), é nesses lugares de chegada que acontecem os vários conflitos entre as profissionais de sexo, provocados pela disputa por clientes, lugares ou por desentendimentos envolvendo seus companheiros, namorados e maridos. Para os autores há uma competitividade entre as diversas prostitutas que competem e disputam o território. Posição similar é apresentada por De Sousa e De Oliveira (2010), para os quais o conflito por clientes e companheiros no território de trabalho entre prostitutas, resulta de sentimentos de inveja das nativas em relação imigrantes. Neste caso, sempre que as imigrantes procuram ter o cliente, entram em conflitos com as nativas. Diferentemente dos estudos de outros autores, os estudos de

Alvarez e Rodrigues e De Sousa e De Oliveira permitem perceber o conflito territorial entre prostitutas por causa dos clientes e dos parceiros.

Esta perspectiva explica o conflito territorial entre trabalhadoras de sexo. Contudo, ao apontar apenas a disputa pelo acesso ao território de prostituição como motivo do conflito entre as prostitutas perde de vista outras dimensões que causam o conflito e o seu contexto mais amplo.

Uma outra dimensão que explica a causa dos conflitos é a dimensão financeira que, apesar de se assemelhar parcialmente à primeira por explicar o conflito entre prostitutas imigrantes e nativas, difere-se daquela por trazer o preço da venda dos serviços sexuais como causa do conflito entre prostitutas. Esta segunda perspectiva defende que o conflito entre trabalhadoras de sexo ocorre num contexto da disputa de preços da venda dos serviços sexuais que opõe, por um lado, aquelas mulheres que se designam de profissionais de sexo àquelas que elas designam de *putas* ou prostitutas e, por outro lado, as nativas e imigrantes (Bonadimani et al., 2012; Mendes e Marques, 2009 e Mossuz-Lavau e Handman, 2006).

Bonadimani et al (2012), num estudo feito na cidade de Santa Maria, Brasil, constataram, que o conflito entre as prostitutas acontecia porque elas utilizavam dois termos para designarem as mulheres que vendem os serviços sexuais, o de prostituta e o de profissionais do sexo. Esse uso alternado de identidades era de conflitos e dependia do contexto e do que estava em jogo na situação. Para os autores, os laços entre prostitutas são caracterizados por conflitos de identidade por causa da reivindicação do preço. A posição desses autores permite compreender o conflito de identidade profissional de sexo em oposição a de prostituta entre trabalhadoras de sexo por causa dos preços marcados na venda dos serviços sexuais, mas deixa de fora outros contornos do conflito de preços.

Na mesma perspectiva, com uma posição parcialmente idêntica a de Bonadimani et al (2012), Mendes e Marques (2009), num estudo feito na cidade de Fortaleza concluíram que, os conflitos opõem, por um lado, mulheres que prestam os serviços sexuais e que se designam de profissionais de sexo e aquelas que elas designam de *putas* e prostitutas. De acordo com os

autores, aquelas que se designam profissionais de sexo consideram-se como mulheres que encaram a actividade como um trabalho e seguem critérios para a prestação de serviços, o que as levaria a rejeitar clientes caso os mesmos não cumpram os critérios estabelecidos.

Ainda segundo Mendes e Marques (2009), as que se designam de profissionais de sexo se opõem àquelas que elas designam de *putas* por fazer sexo apenas pelo prazer sexual e, àquelas que elas designam de prostitutas por considerarem que são as que prestam os serviços sexuais abaixo do preço pré-estabelecido.

A posição de Marques e Mendes é similar a de autores como Da Silva e Lima (2011) e Dantas (2002), que referem que o conflito de preços entre prostitutas enfraquece as suas relações interpessoais, e promove entre elas o clima de desconfiança, competição constante baseado na lógica de concorrência por clientela que faz com que formem-se grupos que competem entre si.

A subscrever essa perspectiva, Mossuz-Lavau e Handman (2006), num estudo feito em Paris concluíram que as prostitutas de nacionalidade francesa conflituam com as prostitutas do leste da Europa e do continente africano por causa da venda dos serviços sexuais abaixo do preço, por parte das imigrantes. Estes autores permitem compreender os conflitos que opõem as prostitutas nativas em relação às prostitutas imigrantes em torno dos preços cobrados pelos serviços prestados.

A segunda perspectiva apesar de se diferir da primeira, por mostrar a dimensão financeira do conflito, ela também perde de vista o contexto mais amplo dos conflitos.

De um modo geral, as duas perspectivas permitem compreender os conflitos entre as trabalhadoras de sexo motivados pelo interesse em manter ou conquistar o território de trabalho e, aqueles conflitos motivados pelo facto de algumas trabalhadoras de sexo cobrarem preços abaixo do estipulado. Contudo, ao explorar esses conflitos apenas entre as trabalhadoras de sexo, perdem de vista o contexto mais amplo da ocorrência desses conflitos, bem como perdem de vista outros intervenientes no processo.

3. Enquadramento Teórico e Conceitual

3.1. Teoria

Neste trabalho utilizo a teoria do conflito inspirado nas abordagens de Dahrendorf, Touraine e Simmel. A teoria do conflito pressupõe que a vida social é moldada por grupos e indivíduos que lutam ou concorrem entre si por recursos e recompensas variados, distribuição de riqueza, poder e prestígio nas sociedades e em outros sistemas sociais (Dahrendorf 1971).

Para Dahrendorf (1971) e Touraine (1975) o conflito é uma forma de interação entre indivíduos, grupos, organizações e colectividades que implica choques para o acesso e a distribuição de recursos. Para os autores todas as sociedades produzem constantemente em si antagonismos que não surgem casualmente nem podem ser arbitrariamente eliminados.

No mesmo contexto Dahrendorf (1971), Simmel (1955) e Touraine (1975) consideram que qualquer grupo ou sistema social é constantemente marcado por conflitos porque em nenhuma sociedade a harmonia ou equilíbrio foram normais. Para eles, a desarmonia e o desequilíbrio constituem a norma para a sociedade e, por meio dos conflitos surgem as mudanças na sociedade.

No presente trabalho utilizo a teoria de conflito para explicar o contexto e intervenientes no trabalho sexual, pois no contexto pesquisado existem indivíduos que lutam ou concorrem entre si pelo acesso e controlo dos clientes ou das trabalhadoras de sexo.

3.2. Conceitualização

Estratégia

Para Bourdieu (1996), a estratégia é um exercício do raciocínio prático de agentes sociais que buscam concretizar suas perspectivas e projectos dentro das condições dadas pelo universo social específico em que vivem, onde essas estratégias são construídas como condições quotidianas de sobrevivência, sejam estas, sociocultural, económica ou política.

Neste trabalho, utilizo o conceito de estratégia de Bourdieu para explicar os mecanismos práticos que algumas trabalhadoras de sexo e clientes utilizam para controlar e, deste modo, alcançar os seus objectivos dentro das condições dadas pelo contexto social em que estão inseridos.

Controlo

Segundo Breder (s/d), o controlo consiste na verificação do cumprimento das acções planeadas e no alcance dos objectivos traçados. Para o autor, controlo é a faculdade de vigilância, orientação e correcção que um poder, agente ou autoridade exerce sobre a conduta funcional do outro.

Neste trabalho utilizo o conceito de controlo na perspectiva de Breder, pois permite compreender o processo do controlo entre trabalhadoras de sexo e clientes no contexto pesquisado, que consiste em vigiarem-se, uns em relação aos outros.

Cliente

Segundo Bogmann (2002) citado por Golveia e Da Rosa (2011), cliente é uma pessoa que compra produtos ou serviços de uma organização, seja para consumo próprio ou distribuição dos mesmos. O conceito desse autor ao apontar o cliente como sendo apenas, a pessoa que compra serviços a uma organização perde de vista pessoas que compram serviços a indivíduos singulares.

Neste estudo defino o cliente como uma pessoa que compra serviços, não apenas a uma organização mas também, a indivíduos singulares como trabalhadoras de sexo que se encontram, normalmente, isoladas ou dispersas individualmente.

4. Procedimento Metodológico

O presente trabalho é de carácter exploratório. Neste trabalho observei, ouvi e documentei os conflitos entre as trabalhadoras de sexo e entre clientes no que concerne ao acesso e controlo, uns dos outros.

A elaboração desta pesquisa decorreu em três fases complementares nomeadamente, a fase da revisão de literatura, a fase do trabalho etnográfico e a fase do tratamento, sistematização e análise dos dados.

Na fase da revisão da literatura consultei livros, monografias e artigos sobre os conflitos que ocorrem entre as trabalhadoras de sexo, e constatei que existem duas perspectivas de discussão sobre o assunto. Foi também com base nessa literatura que identifiquei a teoria e os conceitos usados neste estudo.

Na segunda fase, a do trabalho etnográfico, presenciei e explorei as práticas e comportamentos das trabalhadoras de sexo e dos clientes no quotidiano do trabalho sexual no que diz respeito ao acesso e controlo. Com base neste método foi possível compreender, que o quotidiano do trabalho sexual ocorre num contexto mais amplo, onde algumas trabalhadoras de sexo querem ter o acesso e controlo dos clientes, acesso e controlo das trabalhadoras de sexo mais novas e, por seu turno, os clientes querem ter o acesso e controlo das trabalhadoras de sexo, de forma permanente.

Na terceira fase, a do tratamento, sistematização e análise dos dados, do material recolhido no campo a partir de conversas e observações, seleccionei a informação relativa às estratégias de acesso e controlo entre trabalhadoras de sexo e entre clientes. A partir desse material seleccionado, organizei os dados de campo em três secções complementares que sustentam o argumento do presente trabalho, que o analiso à luz da teoria do conflito.

4.1. Técnicas de recolha e tratamento de dados

A recolha de dados deste estudo foi feita em duas barracas situadas perto da terminal de mercadorias das alfândegas em um dos bairros periféricos da cidade de Maputo. A pesquisa foi feita também em uma casa frequentada por trabalhadoras de sexo no interior do próprio bairro. As barracas do estudo foram escolhidas por terem características idênticas na sua estrutura, no seu modo de funcionamento e por serem as que acolhem as trabalhadoras de sexo e os respectivos clientes.

A pesquisa decorreu de Junho a Novembro de 2013. A mesma decorreu durante os finais de semana, mais concretamente nas sextas-feiras e sábados e, nos dias anteriores aos feriados e, em algumas vezes, nos próprios feriados. Durante o trabalho do campo, permaneci no campo das 20:00 horas até a 01:00 hora de madrugada e, por vezes, até as 05:00 horas da manhã.

No processo de recolha de dados utilizei as técnicas de observação e conversas informais. Através da observação e conversas informais consegui notar que as trabalhadoras de sexo discutem, insultam-se e agridem-se entre elas por causa do acesso ao lugar e aos clientes e, as vezes discutem com os clientes. O mesmo acontecia também em relação aos clientes que, discutiam pelo acesso às trabalhadoras de sexo. Com base nessas técnicas notei que existem algumas trabalhadoras de sexo que fazem intermediação entre outras trabalhadoras de sexo e clientes.

A complementaridade da observação e conversas informais permitiu-me compreender as estratégias de controlo após o acesso entre as trabalhadoras de sexo e os clientes no quotidiano do trabalho sexual, a partir dos discursos e práticas desses intervenientes.

As informações recolhidas por meio das conversas e das observações eram anotadas no campo de mensagem do telemóvel e, gravadas no mesmo. Estes dados eram anotados de forma discreta para não causar desconforto aos informantes e, nem perturbar a ocorrência normal dos factos. Posteriormente esses dados eram passadas para um diário de campo. Nesta fase reli e analisei os

dados existentes no diário de campo. Seleccionei a informação relevante sobre práticas e comportamentos em relação ao acesso e controlo entre trabalhadoras de sexo e seus clientes.

4.2. Selecção dos participantes

O universo de pesquisa era constituído por mulheres que trabalham na venda dos serviços sexuais naquele local, por clientes, estrangeiros e locais, e funcionários das barracas.

Os participantes do trabalho foram seleccionados, alguns, por afinidade que foi se construindo ao longo do tempo do trabalho de campo e, outros, porque aceitavam participar no estudo.

Quanto a selecção por afinidade, trabalhei com uma trabalhadora de sexo que frequenta as barracas e, que eu já conhecia antes de ela participar do estudo. Essa trabalhadora de sexo indicou-me as outras trabalhadoras de sexo que vendiam os serviços naquele local. Outras foram incluídas no trabalho por mostrarem disponibilidade para conversar ao longo de trabalho.

Quanto aos clientes das trabalhadoras de sexo, consegui chegar a eles por via do funcionário de uma das barracas que os conhece e, um cliente dessa barraca que tem amigos camionistas. Estes criaram condições para que eu conversasse com esses clientes. Também, a própria aproximação e familiarização com o ambiente no trabalho de campo, foi criando oportunidades e momentos de observações e conversas com diferentes intervenientes.

4.3. Perfil dos participantes do estudo

Com base nas conversas informais que tive com algumas trabalhadoras de sexo, alguns clientes e com o funcionário de uma das duas barracas, foi possível ter informação do perfil de algumas trabalhadoras de sexo e dos clientes.

Quanto aos clientes das trabalhadoras de sexo, estes são constituídos por dois grupos nomeadamente, um grupo estrangeiro constituído por sul-africanos e zimbabueanos e outro grupo nacional, constituído por indivíduos que vivem nos arredores das barracas e outros que

vem de outros bairros para comprar os serviços sexuais e consumir bebidas. Para preservar a identidade dos participantes e das barracas, neste estudo utilizo nomes fictícios.

Luisinha é uma moça altura média baixa, muito conversadora e extrovertida. Ela é residente no mesmo bairro em que estão localizadas as barracas da pesquisa. Ela tem um filho de oito anos. Além de trabalhar na venda da actividade sexual ela disse ser *mukherista*¹ e, que as vezes, para garantir a obtenção e transporte do seu produto, é frequente fazer sexo em troca de favores.

A segunda participante é Lúdia e tem altura média alta. Ela vive com irmãos num dos bairros da cidade de Maputo, um pouco distante do local do trabalho sexual. Tem dois filhos. Ela trabalha numa barraca e vende diferentes bebidas. Essa barraca, ao mesmo tempo serve de residência para ela dormir nos finais de semana, pois só vai para casa ver os filhos e deixar dinheiro e alimentação de segunda à quinta-feira. Além de utilizar a barraca como residência, ela utiliza-a para acolher alguns clientes.

A terceira participante do estudo é Assa, tem mais ou menos um metro e cinquenta de altura e é forte. Ela também vive no mesmo bairro que a Luisinha. Vive com os pais, quatro irmãos e os dois filhos. Segundo as palavras da Luisinha a Assa não faz mais nada além de estar sempre nas barracas.

A quarta participante deste estudo é Júlia. É uma mulher de corpo magro, tem mais ou menos um metro e sessenta de altura. Tem um filho. Ela é frequentadora regular do local da pesquisa. A Júlia, tal como a Assa, é intermediária.

A outra participante é Arsénia, uma mulher de trinta anos, de corpo forte. É residente no bairro de Hulene. Ela afirmou ter três filhos.

¹ *Mukherista* é uma designação dada aos indivíduos que dedicam-se ao comércio informal transfronteiriço, basicamente entre Moçambique, Suazilândia e África do sul (Muianga, 2009).

Quanto aos clientes, conversei com James, Tomy e Mbongane. James é um motorista de caminhão proveniente da República de África de sul. É um homem de corpo forte e de uma altura média de mais ou menos um metro e setenta. O outro cliente é Tomy, tem 28 anos e é proveniente do Zimbabwe. É ajudante do caminhão, tem mais ou menos um metro e setenta. O terceiro participante é Mbongane, é um motorista de caminhão que vem da África do sul, tem corpo forte.

4.4. Constrangimentos no terreno

A pesquisa foi desenvolvida em circunstâncias nas quais era comum haver discussões e agressões entre as pessoas que frequentam o local. E, durante o processo de recolha de dados encarei cinco constrangimentos.

O primeiro constrangimento aconteceu no dia em que dois homens confrontaram-se por causa de uma trabalhadora de sexo, houve violência que até atiraram-se garrafas. Eu estava presente no local e por causa do cenário violento, refugiei-me dentro da barraca. Após este cenário, cheguei a pensar em procurar outro sítio para desenvolver a minha actividade de campo. Uma semana depois voltei ao mesmo local mas, com receio por causa do cenário violento. Com o tempo superei o receio e consegui integrar-me de novo no local.

O segundo constrangimento foi o facto de a minha principal informante, que contribuiu para a minha familiarização no local de pesquisa, um dia ter sugerido que eu fosse passar a noite em casa dela porque era perto e porque já era madrugada. Apesar de eu ter criado um certo grau de afinidade com ela, o meu preconceito de que as trabalhadoras de sexo daquele local têm conduta duvidosa fez com que recusasse o convite. Para contornar a situação informei a ela que estava a espera de um amigo que vinha ter comigo no local porque tínhamos combinado de nos encontrar naquele lugar.

O terceiro constrangimento é que, às vezes, havia pouco movimento de clientes e trabalhadoras de sexo nas barracas. Este cenário fazia com que eu me deslocasse para outros lugares que as trabalhadoras de sexo frequentavam ou ficar durante longas horas de pesquisa para presenciar conversas e estratégias usadas pelas trabalhadoras de sexo e clientes.

O quarto constrangimento, é que tive dificuldades em conversar com os clientes e obter informação pertinente e descrever o seu perfil neste estudo. Muitos deles se mostravam indisponíveis para conversar com pessoas desconhecidas, sobretudo homens e preferiam conversar com algumas trabalhadoras de sexo. Para contornar esse obstáculo criei amizade com alguns deles com a ajuda do funcionário de uma das barracas.

O quinto constrangimento é que, mesmo com alguns homens com os quais conversei, também tive dificuldades no acesso a informação. A questão de língua foi constrangedora, pois era difícil captar toda a informação porque os clientes falavam Zulu. Para contornar essa limitação trabalhei com um intérprete.

5. Controlo de clientes entre trabalhadoras de sexo e vice-versa na terminal rodoviária

Nesta parte do trabalho apresento e analiso as estratégias de acesso e de controlo entre trabalhadoras de sexo e entre clientes em algumas barracas da cidade de Maputo. Nesta parte mostro que os conflitos naquele contexto surgem sempre que mais do que uma trabalhadora de sexo queira conquistar ou manter o controlo de um determinado cliente ou das trabalhadoras de sexo mais novas e, sempre que mais do que um cliente queira conquistar ou manter o controlo de trabalhadoras de sexo.

Faço esse exercício em três secções complementares. Na primeira secção descrevo as características físicas das barracas e a interacção entre os intervenientes das mesmas. Na segunda secção, apresento e analiso o processo de acesso ao local e o acesso mútuo entre as trabalhadoras de sexo e seus clientes. Na terceira, apresento e explico as estratégias de acesso e controlo entre os dois grupos e os conflitos que resultam quando ocorre competição pelo acesso ou controlo de uma trabalhadora de sexo ou cliente.

5.1. A terminal, as barracas e os intervenientes no quotidiano do trabalho sexual

Na presente secção descrevo as barracas da Joyce e Kape-Kape, suas características físicas e a interacção entre os intervenientes no quotidiano do trabalho sexual nas referidas barracas.

As barracas Joyce e Kape-Kape estão situadas perto da terminal rodoviária, que é uma gare de mercadorias administrada pelas alfândegas de Moçambique. O lugar recebe camiões provenientes de alguns países da África Austral como África do sul, Zimbabwe e Suazilândia, e que transportam mercadorias. Nos arredores da gare existem outras empresas e barracas.

As barracas Joyce e Kape-Kape são frequentadas por trabalhadoras de sexo e seus clientes, estrangeiros e nacionais. Quanto às trabalhadoras de sexo estão organizadas em dois principais grupos nomeadamente as *dedes*² e as trabalhadoras de sexo mais novas. As *dedes* estão divididas em dois grupos nomeadamente, as que só falam português e changana e, as que, para além de falarem essas línguas, falam também inglês e si zulu. O grupo das que falam inglês e *si zulu*,

² *Dede* é o nome atribuído às trabalhadoras que trabalham no local a mais cinco anos.

além de vender os seus serviços sexuais, trabalha como intérprete e intermediária. Estas trabalhadoras de sexo desempenham esse papel de intérprete nos casos em que existe um cliente estrangeiro e a *dede* ou trabalhadora de sexo mais nova que não falem as línguas estrangeiras. Em princípio as trabalhadoras de sexo mais novas acedem aos clientes por intermédio das *dedes*.

Quanto as trabalhadoras de sexo mais novas, estas também são compostas por dois grupos dos quais um primeiro constituído por trabalhadoras de sexo que estão a iniciar-se na actividade e que trabalham no local a menos de três meses e, um segundo constituído por trabalhadoras de sexo que provêm de outros lugares onde já praticavam a actividade.

No que respeita aos clientes, os estrangeiros são indivíduos provenientes de países como África de Sul, Zimbabwe e Suazilândia, e conduzem os camiões que transportam mercadorias de e para Moçambique. Os mesmos deslocam-se à zona da terminal de mercadorias para tratar de assuntos do seu interesse. Quando terminam os seus afazeres na terminal, esses indivíduos deslocam-se às barracas Joyce e Kape-Kape localizadas em frente a terminal, a cerca de 40 metros da terminal, para alimentarem-se e beber, bem como para comprar os serviços sexuais das trabalhadoras de sexo.

Quanto aos clientes nacionais, estes são compostos por dois grupos a saber, um primeiro grupo constituído por funcionários e um segundo grupo constituído por clientes que vêm daquele e de outros bairros.

As barracas Joyce e Kape-Kape estão uma ao lado da outra, separados por uma vedação de varões do tamanho de 8mm e 10mm e uma lona azul. Essas barracas são feitas de chapas metálicas, varões e cantoneiras e estão pintadas de cores amarela e azul. As referidas barracas estão situadas entre residências e várias empresas e armazéns.

A barraca Joyce tem seis mesas plásticas azuis com quatro cadeiras por cada mesa. Algumas vezes é controlada por uma mulher clara, forte e com mais ou menos um metro e cinquenta de altura e, outras vezes por um homem forte, alto e escuro. Por sua vez, a barraca Kape-Kape

possui quatro mesas verdes com o mesmo número de cadeiras para cada mesa. A mesma é controlada por duas mulheres, sendo que uma fica do lado de fora para receber dinheiro e entregar o produto aos clientes e a outra fica do lado de dentro da barraca.

Nas referidas barracas era frequente ouvir música *pandza*³, *zouk*, *house* e ver pessoas a dançar esses ritmos. Outras vezes a música era proveniente dos carros dos clientes. Durante os dias que estive no local de pesquisa, notei que nessas barracas vendem cervejas como 2M, Manica, Heineken, Hunter's Gold, Castle Lite e Hansa, refrescos como Coca-Cola, fanta, sprit e pepsi, água, sumo, whisky dentre os quais Catos, The Famous Grouse e Johnnie Walker, e vinhos de marca Orla Marítima, Clos, Mar del Sur, Drostdy Hof e Autumn Harvest.

Nos arredores das duas barracas vendem carne de frango assado, chouriços assados e batatas fritas. Os frangos e chouriços assados, batata frita são preparados por duas moças que ficam a beira da estrada em frente as barracas. Elas preparam esses produtos em uma grelha, sobre um fogão alimentado a carvão vegetal feito de chapa de metal e varões.

As trabalhadoras de sexo e seus clientes e outros clientes das barracas concentravam-se no interior e no exterior das barracas, e consumiam bebidas alcoólicas, carne e chouriços ou ficavam a conversar.

Às sextas-feiras, sábados e dias anteriores aos feriados, as barracas registavam enchentes e todas as mesas e cadeiras disponíveis ficavam ocupadas, e outras pessoas ficavam de pé, dentro e fora das barracas, a beira da estrada ou por cima dos carros de alguns clientes.

De um modo geral, as barracas da terminal são frequentadas por trabalhadoras de sexo e seus clientes, e outros clientes que aparecem para consumir bebidas e frangos assados e chouriços ou para conversar. Quanto às trabalhadoras de sexo, estas estão divididas em dois principais grupos nomeadamente as *dedes* e as trabalhadoras de sexo mais novas. E, quanto aos clientes, existe um

³ *Pandza* é um estilo musical, mais precisamente do sul de Moçambique, que surge da fusão de ritmos tradicionais (marrabenta) e ragga.

grupo constituído por clientes estrangeiros e um outro constituído por clientes nacionais. Cada um desses grupos, trabalhadoras de sexo e clientes, tem estratégias específicas para aceder ao local e para aceder um ao outro, como explicarei na secção que se segue.

5.2. As barracas da terminal: pontos de encontro entre trabalhadoras de sexo e os clientes

Na presente secção apresento e discuto o acesso as barracas da terminal pelas trabalhadoras de sexo, respectivos clientes e outros clientes das barracas, bem como o acesso mútuo entre as trabalhadoras de sexo e seus clientes.

Quanto as trabalhadoras de sexo, no geral, vão ao local para vender os serviços sexuais. No que respeita as *dedes*, o seu acesso ao local varia consoante o local de residência. Aquelas que vivem nos arredores das barracas deslocam-se ao local a pé enquanto aquelas que vivem nos bairros distantes, como Romão, Albazine e *Hulene*, deslocam-se ao local de *chapa*⁴ ou de *txopela*⁵. O facto de algumas *dedes* viverem nos arredores das barracas, faz com que elas cheguem ao local mais cedo, normalmente entre as 15 horas e as 18 horas, para controlar os clientes e as trabalhadoras de sexo mais novas.

Por seu turno, as trabalhadoras de sexo mais novas e, que vivem nos arredores das barracas acedem ao local a pé enquanto as que são provenientes de lugares distantes das barracas, como bairros de Magoanine, Albazine ou Aeroporto, chegam ao local de *chapa* e outras chegam de boleia de carros de algumas pessoas. Notar que o acesso, da parte delas ao local, depende das *dedes*.

Quanto ao acesso aos clientes, para aceder a estes, as *dedes* aproximam-se dos clientes que chegam a barraca e pedem que estes paguem alguma bebida para elas e depois disso propõem a venda dos serviços sexuais. Para além desta forma de aceder aos clientes elas utilizam uma outra forma que consiste em, quando elas estão nas mesas sentadas em grupo, convidarem o cliente a aproximar-se a mesa e perguntarem se não está interessado em nenhuma delas. Uma terceira

⁴ *Chapa* é um transporte semi-colectivo de passageiros.

⁵ *Txopela* é um meio de transporte de três rodas que é utilizado como táxi.

forma de aceder aos clientes consiste em as *dedes* aproximarem-se do seu cliente enquanto este consome algo na barraca.

Os papéis de intermediária e de intérprete que algumas *dedes* desempenham ocorrem, por um lado, para aproximar o cliente e uma trabalhadora de sexo mais nova e, por outro, para aproximar o cliente estrangeiro e uma trabalhadora de sexo mais nova ou uma *dede* que não fale uma das línguas estrangeiras por elas usadas. A Assa é uma das *dedes* que trabalha como intermediária como contou Luisinha, uma das *dede*.

Aquela não sai daqui, todos os clientes, já a conhecem porque ela fica sempre na barraca. Ela procura clientes para as outras mulheres e, também procura mulheres para os clientes. Cada homem que entra ela pede dinheiro, ou pede que comprem para ela bebida ou almoço. Até os donos das barracas se zangam com ela as vezes, por sempre pedir coisas aos clientes. Ela é chefe daqui, controla os camionistas e as outras trabalhadoras de sexo (Luisinha, 23 anos, trabalhadora de sexo e vendedeira de bebidas alcoólicas).

O exemplo exposto mostra que a Assa é uma intermediária que trabalha com frequência naquele local e, que controla as outras trabalhadoras de sexo que querem ter o acesso aos clientes.

Nestes casos em que existe uma intermediária o acesso aos clientes acontece de duas formas. A primeira forma acontece quando a *dede* é simultaneamente intermediária e intérprete. Por exemplo, no dia 12 de Outubro, sábado, havia muita gente que consumia diferentes bebidas nas duas barracas, dentro e fora. Apareceram dois senhores, um trazia chinelos pretos feitos de borracha, calções azuis e uma camisa interior branca. O outro, alto e forte, trazia calças de cor creme, camisa de riscas azuis e brancas e sapatilhas brancas. No local, duas trabalhadoras de sexo se aproximaram deles e começaram a conversar. Uma das moças trazia calças vermelhas, blusa amarela e sapatos brancos. A outra trazia calças azuis, blusa azul, mexas castanhas e sandálias pretas. Eu estava distante, e por causa do som da música não conseguia escutar a conversa entre elas e os dois senhores.

Um tempo depois a Assa levantou-se da mesa na qual estava sentada com outras duas trabalhadoras de sexo, dirigiu-se para onde estavam parados os dois senhores e as duas

trabalhadoras de sexo e parou entre os senhores e as mulheres. Eu aproximei-me de forma discreta para ouvir e perceber o que se passava. Os dois senhores falavam língua *si zulu*.

Quando a Assa chegou, disse as duas moças para que se retirassem pois, segundo ela, aqueles senhores eram seus conhecidos e sabia o que eles queriam.

Vocês podem continuar a dançar ai. Eu hei-de falar com esses senhores. Eles são meus conhecidos e sei o que eles querem. E também vocês não sabem falar zulu, nem sei porque vocês estão aqui porque não hão-de perceber nada do que eles dizem e o que eles querem (Assa, trabalhadora de sexo e intermediária).

As duas moças retiraram-se e uma delas respondeu: *quem é que te disse que não sabemos falar zulu? Pensa que é só você sozinha que fala isso aqui. Ou é porque gostas de confusão* (Trabalhadora de sexo, observação feita no dia 12.10.2013 na barraca Joyce). As referidas moças também eram *dedes* mas, não faziam parte do grupo da Assa.

Cerca de dez minutos depois de uma conversa entre a Assa e os dois senhores, a Assa chamou as trabalhadoras de sexo que estavam sentadas com ela na mesa. As duas aproximaram-se e a Assa mediou a conversa entre os clientes e as trabalhadoras de sexo que havia chamado. O senhor de sapatilhas brancas deu uma nota de quinhentos meticais à Assa que recebeu a nota e foi para o balcão onde comprar duas cervejas Heineken, uma garrafa de vinho tinto Drostdy Hof e duas cervejas Hunter's Gold. De seguida entregou as Heineken para os dois senhores, as Hunter's Gold para as duas trabalhadoras de sexo e ela foi ficar na mesa com a garrafa de vinho.

Os dois homens e as duas moças saíram daquele local para fora. Os quatro foram juntos. A Assa, entretanto, ficou na mesa e apareceram mais três trabalhadoras de sexo que se juntaram a ela na mesma mesa. Ela bebia vinho e as três moças pediram, no balcão, duas cervejas 2M e três copos. Uma delas disse ao balconista,

Quem há-de vir pagar essa cerveja são dois motoristas de camião que ainda estão ali na gare, estão a deixar alguns documentos. São nossos clientes. É que nós não conseguimos falar com eles porque os guardas não nos deixaram entrar, também é difícil entender o que eles dizem. Tu, Assa é que vais nos dizer o que eles dizem. Estão a vir. Eles têm

randes, por isso não podemos perder eles de vista (Trabalhadora de sexo dede, observação feita no dia 12.10.2013 na barraca Joyce).

Com base neste exemplo, fica reforçada a ideia segundo a qual o acesso ao cliente pelas trabalhadoras de sexo é as vezes mediado por uma intérprete.

A segunda forma de intermediação acontece quando as trabalhadoras de sexo mais novas querem aceder aos clientes. Neste caso, a *dede* procura clientes para elas, excepto quando aquelas contornam as *dedes*, como é o caso da Júlia que se integrou pela resistência e, depois de um tempo tornou-se uma *dede*.

A Júlia informou-me, em relação ao acesso aos clientes, que apesar de estar já a muito tempo a frequentar aquelas barracas nunca gostou de se envolver em conflitos pelo acesso aos clientes, excepto no tempo em que lutava pela integração no local, pois frequentava o local e obtinha os clientes pela resistência perante as *dedes*.

Eu não gosto de discutir por causa de esquema⁶ mas quando me provocam eh pah, não há maneira, eu mostro que ser bonita não é ser fraca. Naquele tempo que eu ainda era nova aqui, eu tinha que partilhar o dinheiro com as dedes, mas agora não. Procuro ter os clientes a minha maneira e prefiro os camionistas que vêm de fora porque pagam bem e discutem pouco (Júlia, trabalhadora de sexo, dede).

Com base no exemplo exposto compreende-se que a Júlia conseguiu aceder ao local e aos clientes porque depois de passar algum tempo a trabalhar no local e a depender as *dedes*, começou a impor-se perante elas. Na mesma linha de ideias, neste caso no acesso por intermediação, encontramos a Arsénia, que é uma trabalhadora de sexo mais nova. Ela informou-me que vai ao local para beber e procurar clientes camionistas.

Eu venho sempre aqui para divertir e beber cerveja, mas também procurar homens, apesar de ser difícil porque este lugar já tem donas e tem que depender delas para ter o cliente. Mas como eu não dependo daqui nem disto, não me interessa (Arsénia, 30 anos, trabalhadora de sexo, residente no bairro de Hulene).

⁶ Esquema, neste contexto, é uma palavra utilizada para designar o cliente.

Neste caso, uma trabalhadora de sexo mais nova, que trabalha a pouco tempo no local ou que vem de outro lugar, deve depender das *dedes* ou possuir um vínculo de amizade com estas para ter o acesso aos clientes como contou o balconista da barraca Joyce,

Algumas mulheres que vêm aqui para vender sexo, só podem ter os clientes quando as chefes aceitam, principalmente as novas. Quando vês uma menina com um homem, existe uma mulher no meio que junta os dois. Para elas terem clientes tem que depender das mais velhas que já estão aqui a muito tempo. Mesmo as mais velhas que querem vender sexo enquanto não são daqui, devem falar com as chefes (Balconista da barraca da Joyce).

É possível compreender ainda, que no processo de intermediação, o acesso ao local e aos clientes pelas trabalhadoras de sexo é também caracterizados por negociações entre elas. Essas negociações permitem compreender que as *dedes* e as trabalhadoras de sexo mais novas trabalham em rede. A Júlia afirmou ser em algumas vezes intermediária e informou-me acerca do seu papel de intermediária que,

Olha, eu também faço vida a vender sexo aqui, e muitos desses madjonedjones e zimbabueanos me conhecem bem. Eles confiam-me para arranjar boas gajas para eles. Que nem tem boas gajas nada, eles só querem pitas novas, mulheres que eles nunca pegaram ou que nunca viram. Isso até não acontece só com os madjonedjone, acontece também com alfândegas e outras pessoas que trabalham aqui na gare (Júlia, trabalhadora de sexo, dede).

Com base no exposto nota-se que a questão da intermediação é uma das formas que algumas *dedes* utilizam para controlar as trabalhadoras de sexo mais novas. Por isso, essa intermediação pode colocar em conflito as *dedes*, pois, as vezes, as *dedes* dividem-se entre as que defendem a presença das trabalhadoras de sexo mais novas e, as que são contra essa presença. Neste caso, as que defendem a presença são geralmente as intermediárias, como ilustram as palavras de uma das trabalhadoras de sexo ao dizer que,

Eu não tenho problema com qualquer mulher que vier procurar dinheiro, porque aqui não é minha casa nem de ninguém. Eu até defendo algumas moças que vem para aqui. E até, depois arranjo clientes para elas. E essas que dizem ser dedes daqui a mim não tocam

porque eu também sou dede daqui desde 2008, só não gosto de vir sempre. Ameaçam essas novinhas coitadinhas, mas quando eu estou, chehh (Trabalhadora de sexo dede, conversa feita na barraca Kape-kape).

Essa intermediação feita por *dedes* no processo do acesso podem ser vistas, também, como estratégias que elas utilizam para controlar as actividades das trabalhadoras de sexo mais novas e daí extraírem vantagens adicionais, como é o caso de ganhar uma comissão em dinheiro nas duas partes. Em conversa com a Luisinha, ela informou que raramente se comporta como intermediária mas afirmou que é mais vantajoso porque pode ganhar dinheiro sem fazer sexo,

É vantajoso ser intermediária porque assim saís a ganhar muito mais dinheiro sem ter que abrir as pernas (fazer sexo) nem estar a discutir por causa de esquemas. Ganhas nos dois lados, no cliente e na mulher. Mas eu não gosto porque alguns clientes não são sérios. Ou não te dá o dinheiro completo ou não te dá nada porque diz que não dormiu contigo. E assim temos que nos dividir o dinheiro da mulher que vendeu os serviços (Luisinha, 23 anos, trabalhadora de sexo e vendedeira de cerveja).

Este exemplo indica que para esta trabalhadora de sexo o papel de intermediária tem mais vantagem. Para ela, esse papel permite arrecadar o dinheiro sem ter, necessariamente, que fazer sexo. Mas ela referiu que para exercer esse papel e ter essa vantagem tem que ser conhecida,

Por exemplo, muitos clientes que vem das empresas já conhecem a Assa, por isso sempre que querem uma boa novidade falam com ela. Outras mulheres também dependem dela para ter um cliente. Mas quando outros dias aparecerem os clientes e, quererem a ela também não há problema, ela vai. Se ela também é puta (Luisinha, 23 anos, trabalhadora e vendedeira de cerveja).

Ideia similar a de Luisinha é partilhada por Júlia, que fez-me compreender que as vezes as trabalhadoras de sexo mais novas são as mais procuradas pelos clientes que trabalham nas empresas e que elas podem receber maiores quantias em função dos serviços prestados. Neste caso algumas intermediárias tiram também proveito desse cenário, conforme referiu a Júlia:

Para nós antigas, as vezes não há muita saída aqui. Essa luta que sempre acontece por causa de clientes é porque alguns clientes, principalmente aqueles que trabalham na gare, querem meninas pequenas ou caras novas que eles nunca viram aqui. Mas eu, quando é assim não faço guerra, eu procuro ganhar dinheiro a partir dessas trabalhadoras de sexo,

porque procuro clientes para elas e procuro meninas para os clientes e daí saio com lucro (Júlia, trabalhadora de sexo dede).

Na sequência desses exemplos compreendi, também, que algumas trabalhadoras de sexo mais novas solicitam a intervenção das intermediárias para o acesso aos clientes. Por exemplo a Júlia referiu, ainda, que:

As vezes essas moças são elas que nos procuram quando aparece um cliente e precisam dos serviços delas. Alguns clientes gostam de fazer confusão depois de ter o que queriam. Gostam de discutir para depois pagar pouco dinheiro ou até mesmo não pagar nada. Então, elas precisam de mim para o cliente pagar logo e eu pegar o dinheiro dela antes de ela ir fazer o Job na esquina ou para traduzir a língua. Outros clientes são confusos e molwenes⁷. Por isso as vezes quando estão bêbedos, nós também costumamos lhes revistar dinheiro e celulares. Mesmo essas moças que se fazem de criancinhas as vezes roubam e vem nos dar pegar (Júlia, trabalhadora de sexo, dede).

Esta informação mostra que algumas trabalhadoras de sexo não são forçosamente submetidas ao controlo das *dedes* para ter acesso aos clientes mas, pelo contrário, elas solicitam a intervenção das intermediárias para garantirem a segurança do seu dinheiro. Nota-se também que existe uma cumplicidade entre as intermediárias e as trabalhadoras de sexo mais novas. As *dedes* podem escolher quem deve ou não obter o cliente naquele local, inclusive induzir o cliente a escolher a trabalhadora de sexo que elas proporem.

Quanto aos clientes, no geral, acedem ao local para alimentarem-se e consumir bebidas, mas também procuram os serviços sexuais das mulheres. No que diz respeito aos clientes estrangeiros, são provenientes da terminal das alfândegas e deslocam-se para as barracas à pé, depois de tratarem assuntos de seu interesse na gare.

Para estes o acesso às trabalhadoras de sexo pode acontecer a partir da negociação com ela, se for a *dede*, ou com a intermediária se for uma trabalhadora de sexo mais nova ou uma *dede* que não fale a língua estrangeira. Essa negociação pode ser feita com o pagamento de dinheiro ou de outros bens, como álcool.

⁷ *Molwenes* neste contexto são indivíduos que se comportam como marginais.

Alguns clientes informaram que iam ao local para consumir bebidas e comida, mas que também procuravam as mulheres que vendem os serviços sexuais. James, um dos participantes deste estudo e que frequenta o local disse:

Eu sempre venho a este lugar para comer refeições, beber cerveja e descansar porque não posso ficar ali dentro de carro na terminal durante 24 horas ou mais. A viagem de África do sul para Maputo é longa e cansativa. É a quarta vez que venho a Maputo. Quando estou nesta barraca, as mulheres vem ter comigo, primeiro pedindo que eu compre qualquer coisa para elas, depois me dizem que estão dispostas a fazer sexo em troca de dinheiro e eu compro esses serviços (James, cliente sul africano, motorista de camião).

Este cliente acede ao local para consumir bebidas e refeições, mas no processo acaba tendo acesso às mulheres que vendem os serviços sexuais.

Eu já venho a Moçambique desde 2011. Frequento esta barraca porque foi a primeira que conheci. Tem boas mulheres e boa comida. Aqui já conheci e comprei serviços sexuais de muitas mulheres, mas já não gosto porque elas roubam, e eu já tenho uma mulher fixa que a conheci aqui, que sempre que venho a Maputo durmo em casa dela (Tomy, 28 anos, cliente zimbabueano ajudante de camião).

Nas palavras de Tomy, este já teve acesso a várias trabalhadoras de sexo naquele local, mas decidiu-se comprometer-se com uma delas, que o dá o abrigo quando está em Maputo. Mbongane, por seu turno, também frequenta o local, mas prefere a intermediação para ter acesso às trabalhadoras de sexo.

Eu venho aqui nas barracas para aguardar enquanto espero a minha vez de legalizar o expediente de mercadoria na fila. Aprecio as mulheres de Maputo. As vezes converso com algumas delas, bebo e como com elas alguma coisa. Mas não costumo me envolver com elas porque não confio em mulheres, nem daqui nem da minha terra. Excepto quando me é indicado por alguém de confiança, como por exemplo a dona da barraca (Mbongane, cliente sul-africano, motorista de camião).

Quanto aos clientes nacionais, estes acedem ao local caminhando a pé e, outros chegam ao local de veículos. No que respeita ao acesso às trabalhadoras de sexo observei casos em que se comunicam gestualmente com as trabalhadoras de sexo para ter o acesso a elas. Das várias vezes

que observei, em duas ocasiões esses sinais e gestos resultaram para o acesso da mulher pelo cliente, excepto um dia, que culminou em conflito entre os clientes.

Numa das noites de sábado, enquanto recolhia dados, a barraca Joyce estava lotada. Havia uma mesa com três trabalhadoras de sexo e um homem. Todos bebiam a cerveja 2M paga pelo referido homem que tinha interesse em uma das trabalhadoras de sexo. Esta tinha uma peruca preta grande, calças azuis, casaco *jeans* azul e sandálias castanhas.

A mulher dançava todas as músicas que passavam e, ao mesmo tempo, falava com outro cliente que estava no balcão. Este também começou a comprar cerveja para ela. Um outro homem, chegou de uma camioneta branca. O referido homem usava calças pretas, camiseta preta, boné azul e sapatos brancos. Falou com a trabalhadora de sexo, que estava a dançar, usando gestos e sinais. O homem de boné azul pediu para que a balconista servisse três cervejas na mesa em que a trabalhadora de sexo se encontrava a beber com outro cliente e a deu secretamente um valor.

O homem da camioneta saiu para o carro e a trabalhadora de sexo também, dez minutos depois, saiu para o carro e se foram os dois. A trabalhadora de sexo só apareceu duas horas depois e foi de novo ficar na mesa. Com base nestes elementos é possível notar uma das formas de acesso das trabalhadoras de sexo entre alguns clientes. Utilizam o dinheiro e/ou bebidas para atrair e convencer a mulher a abandonar o outro para se envolver com ele.

Depois de terem acesso, uns em relação aos outros, os serviços sexuais acontecem nas cabines dos camiões e carros de alguns clientes. Mas também há vezes em que o cliente e a trabalhadora de sexo deslocam-se para as pensões, que ficam a mais ou menos um quilómetro das barracas Kape-kape e Joyce.

De um modo geral, o acesso ao local e o acesso mútuo entre os clientes e as trabalhadoras de sexo envolve negociações e intermediações entre esses intervenientes. No processo, parte das trabalhadoras de sexo mais novas dependem das *dedes* para terem o acesso ao local e aos clientes enquanto a outra parte acede ao local e aos clientes contra a vontade das *dedes*.

Tal como referem Bourdieu (2001) e Foucault (1977) citados por (Capele et al., 2005), apesar das estruturas de agentes que funcionam no sentido de perpetuar a dominação dentro do contexto de poder, existe também a possibilidade de resistência por parte dos agentes submetidos e que, possibilita a liberdade de agirem perante esses agentes dominantes dentro desse contexto, a partir da criação de estratégias que lhes permitem se inserir dentro desse contexto específico. Neste caso, da posição de controladas, algumas trabalhadoras de sexo criaram condições e desenvolveram estratégias próprias de inserção para o acesso aos clientes e, conseqüentemente, vender os serviços.

A competição entre os que querem manter o controlo e os que são submetidos a esse controlo para ter o acesso, abre espaço para conflitos, seja entre as trabalhadoras de sexo assim como entre os clientes, porque todos querem ter o controlo após o acesso. É por causa desse controlo após o acesso que os diversos intervenientes conflituam nas barracas pesquisadas, tal como explicarei na secção que se segue.

5.3. Estratégia de controlo entre trabalhadoras de sexo e entre clientes e os conflitos

Nesta secção apresento e explico as estratégias de controlo e os conflitos que ocorrem entre os intervenientes nas barracas em estudo.

Com base nos discursos e acções das trabalhadoras de sexo, compreendi que elas utilizam a discriminação, ridicularização e agressão para reprimirem-se, umas em relação às outras com o objectivo de garantir o controlo e acesso permanente dos clientes. Estes, por seu turno também recorrem, às vezes, a agressão para controlar as trabalhadoras de sexo, o que resulta em conflitos entre eles.

Quanto às trabalhadoras de sexo os conflitos entre elas acontecem porque as *dedes*, criaram estratégias próprias de controlo dos clientes e das trabalhadoras de sexo mais novas. A criação dessas estratégias de controlo faz com que as *dedes* se posicionem como donas do local e dos

clientes em detrimento das trabalhadoras de sexo mais novas. Por exemplo, a Luisinha em discussão com uma trabalhadora sexo nova no local disse:

Você se faz de *dede* nem? Chega aqui de qualquer maneira e se envolve com os nossos homens de qualquer maneira. Quer barulho? Vamos ver (Luisinha, 23 anos, trabalhadora de sexo e vendedora de cerveja, observação feita em Setembro de 2013 na barraca Kapekape).

A situação de umas controlarem e outras tentarem conquistar os clientes coloca, normalmente, em conflito os dois grupos de trabalhadoras de sexo, pois, com base no exemplo acima nota-se que existem algumas trabalhadoras de sexo mais novas que quebram as regras estabelecidas pelas *dedes*.

Os actos de discriminação, ridicularização e agressão que ocorrem neste contexto permitem compreender esses conflitos entre trabalhadoras de sexo como estratégias de luta pela conquista, por um lado, e luta pela manutenção, por outro. Esses conflitos também concorrem para os processos de construção dessas identidades de *dedes* e exclusão das trabalhadoras de sexo novas pois, o principal objectivo das *dedes* é garantir o controlo dos clientes em detrimento das outras. Por exemplo, durante uma conversa com a Júlia ela afirmou que,

Aqui quando você não é *dede* não pode ter nenhum homem nem pode estar aqui, principalmente quando usas roupa bonita ou usas saias curtas. As *dedes* dizem que você quer roubar homens delas por causa das tuas roupas, falam muita coisa e te expulsam a força. Por isso para estar aqui tem que lutar para ser *dede* (Júlia, trabalhadora de sexo, dede).

Este exemplo explica que uma vez esclarecido o controlo das trabalhadoras de sexo mais novas por parte das *dedes* são relativamente grandes as vantagens extraídas para garantir o controlo dos clientes. Mas também, abre-se espaço para a ocorrência das divergências e o surgimento dos conflitos, pois as trabalhadoras de sexo mais novas também procuram quebrar as regras impostas pelas *dedes* para ter acesso aos clientes sem prestar contas, tal como demonstrei no primeiro exemplo desta secção. Entretanto, o conflito resultante deste cenário pode se caracterizar por discursos de ridicularização ou actos de agressão física.

Em um dos primeiros dias da pesquisa, na barraca Joyce havia muita gente entre homens e mulheres, a dançarem e a beberem diferentes tipos de cerveja, sumo, Whisky, vinho e água. Apareceram duas trabalhadoras de sexo, uma das quais trazia calças vermelhas, blusa preta, sapatos pretos e mexas castanhas e a outra trazia chinelos verdes e um vestido branco, óculos castanhos e mexas amarelas e uma tatuagem verde na parte frontal da coxa na perna direita. As duas entraram na barraca em direcção ao balcão e foram falar com o balconista que estava a atender os clientes naquela noite.

Alguns homens e mulheres olhavam para as duas moças recém-chegadas. Alguns homens chamavam as moças e outros aproximavam-se delas. Ambas trabalhadoras de sexo conversaram com dois dos homens que se encontravam na barraca. Enquanto isso, um grupo de seis trabalhadoras de sexo que se encontrava no local começou a dirigir palavras e gestos às duas moças recém-chegadas. Dentre outras coisas, disseram,

mas é maneira de vestir essa? Se quiser frescar as suas pernas porque não vão logo à praia em vez de vir ficar aqui? E vocês sabem que não devem estar aqui porque este lugar não é para vocês. Aqui já tem donas aqui. Isso de andarem a mostrar vossas perninhas sujas não vale aqui. Se vocês criancinhas exibem as vossas pernas, e nós é para ficarmos invisíveis? Saíam (trabalhadoras de sexo, conversa extraída em Outubro de 2013).

Começou uma discussão entre as duas trabalhadoras de sexo que acabavam de entrar e o grupo das seis que já ali estavam. Ao longo da discussão a moça de vestido branco disse:

aqui é um lugar que qualquer pessoa pode entrar basta ter dinheiro, e nós não vamos sair. Além do mais, vocês estão a falar isso porque tem inveja... cada um com a sua beleza e o que é lindo deve se mostrar. Eu aqui me meto qualquer homem que eu quiser. Ninguém é de ninguém aqui. Vocês estão a vender as pernas aqui. Nós também. Jelous down pah, jelaous down. Entretanto, durante a discussão, uma das seis moças afirmou que,

Essa puta⁸ suja fala muito enquanto não tem onde dormir nem onde cair morta. Quando não lhe dormem não sabe se há-de comer ou não. Até já esta a nos abusar, vamos lá tirar

⁸ *Put*a é um termo pejorativo que é utilizado para designar uma mulher que vende o seu corpo em troca de dinheiro ou outros favores.

ela daqui para fora. Vai nos dizer bem lá fora! Não queremos mais te ver aqui, arranja lá outro sítio para exibir as suas pernas. Os homens que estão aqui não precisam de ver essas coisas de crianças sujas.

As seis moças agrediram a de vestido branco, arrastando-a pelas mexas para fora da barraca, juntamente com a outra.

Com base nessas experiências notei que a presença das duas trabalhadoras de sexo naquele local, colocou em conflito os dois grupos. E que este conflito se caracterizou por discursos de ridicularização e actos de agressão.

Em conversa com o balconista da barraca Joyce compreendi que os dois grupos que estavam em conflito e, outras mulheres que estavam ao redor e noutra barraca, se dedicam à venda dos serviços sexuais. Durante a conversa o balconista disse,

essa coisa de essas gajas lutarem e discutirem acontece sempre aqui, principalmente quando aparecem outras que não frequentam aqui. Mesmo entre elas (*as dedes*) não há entendimento, porque todas essas gajas que vendem sexo são confusas. São putas. São elas que partem minhas cadeiras e partem garrafas, tudo por causa dos homens. Lutam assim, enquanto outras fugiram seus maridos e deixaram filhos sozinhos em casa (Balconista da barraca Joyce).

Este comportamento de agressões físicas e verbais permite perceber o conflito que existe entre diferentes grupos de trabalhadoras de sexo pelo acesso e controlo dos clientes no local pesquisado. As trabalhadoras de sexo que não respeitarem as regras e condições pré-estabelecidas pelas *dedes* são reprimidas do local seja utilizando agressão, ridicularização.

Ainda no contexto da ridicularização como forma do conflito, uma outra trabalhadora de sexo que também frequenta o local, durante uma discussão, chamou as outras de *putas*, alegando que são *putas* porque não escolhem os parceiros, mesmo com pessoas sujas e que cheiram mal elas se envolvem. Um dos clientes dos clientes que estavam presentes no local respondeu: *você chama outras de putas, você é o quê? Porque você também não tem onde dormir, dorme na barraca onde trabalha* (cliente das trabalhadoras de sexo).

Em resposta ao homem ela disse que não se mete com qualquer tipo homem e, que quando se mete com um qualquer é apenas para extorquir o dinheiro e não para dormir com ele.

Eu sou puta com orgulho, não sou uma qualquer. Não durmo com qualquer um. Nem você não é homem para mim, o teu tipo de mulher é esse ai mesmo, que nem toma bem banho e tem sida. Eu sou diferente, posso dormir na barraca, mas tenho casa e me aguento e vendo sexo para pessoas limpas. Nunca vou dormir contigo e, não estou doente (Lídia, trabalhadora de sexo).

Este exemplo também permite compreender que esses termos pejorativos que elas utilizam para designarem as outras, por exemplo o termo de *puta*, são uma forma de ridicularização para menosprezar as concorrentes em relação ao cliente.

Os clientes também podem sofrer agressões, dependendo do seu comportamento no acesso às trabalhadoras de sexo.

Um dia, era feriado nacional, dia 07 de Setembro, observei que as trabalhadoras de sexo, para além de conflituarem entre si, também agredem os seus clientes. Nestas circunstâncias é quando notam que as suas estratégias não surtem efeito para controlar o cliente as trabalhadoras de sexo mais novas. Nesse dia por volta das 24 horas, numa das ruas do bairro de pesquisa havia um grupo de pessoas a beber diferentes tipos de bebidas numa barraca situada acerca de 200 metros das barracas Joyce e Kape-kape.

Um grupo de quatro mulheres, trabalhadoras de sexo, que frequentam as barracas Joyce e Kape-kape invadiu um carro, puxou e agrediu o homem e a mulher que estavam no interior desse carro. Disseram ao homem e a mulher para descerem do carro.

Para perceber o que estava a acontecer, aproximei-me. Conversei com uma moça vestida de saia curta preta, sapatos vermelhos de salto alto e blusa branca, mexas castanhas. Cumprimentei-a e, e perguntei o nome dela, ao que ela respondeu:

sou Júlia e bebo Hunter's Gold. Comprei uma cerveja 2M e Hunter's Gold. Procurei saber dele porquê se estava a discutir naquele carro. Ela contou que: é por causa dos esquemas. Aquelas putas são muito invejosas. Só porque viram aquela moça coitadinha a sair para o carro com aquele esquema que elas estavam a controlar começaram a fazer escândalo. Se fosse eu. Hoje era o fim. Querem tudo e todos para elas. Elas controlam todos os homens. Procuram sempre algo para fazer confusão quando não conseguem ter nenhum homem (Júlia, trabalhadora de sexo dede).

Já conhecia a Júlia das barracas da terminal, mas não conhecia o seu nome. Mas ela não estava em nenhum dos grupos que estavam em conflito naquela noite. Com base na informação da Júlia constatei que a agressão devia-se ao facto de o cliente, dono do carro, ter chamado para o seu carro uma trabalhadora de sexo que as *dedes* desconhecem sem o consentimento delas.

Um outro dia, em uma noite de Sábado do mês de Novembro, eram mais ou menos 23:30 horas, durante uma conversa que tive com a Luisinha, com quem partilhava cerveja consegui obter mais informação acerca dos conflitos entre as trabalhadoras de sexo naquele local. Ela é amiga da Lídia e disse já ter sido amiga da Assa, mas com esta última, romperam a amizade desde o dia em que lutaram por causa de um cliente.

Ela contou sobre a vida da Lídia e da Assa e dos conflitos e a sua vida.

eu não sou como as outras que se escondem e só aparecem para fazer confusão quando aparece um cliente novo. Eu não tenho problema. Isto está sempre à venda porque também é um trabalho. Só que eu sou diferente das outras, não dependo da venda de sexo. Tenho negócio de vender cerveja. Compro cerveja na África do Sul e venho vender no xiquelene (mercado situado na praça dos combatentes) em caixas. Mas meu cliente é meu cliente, quem levá-lo vai lutar comigo (Luisinha, 23 anos, trabalhadora de sexo e vendedeira de cerveja).

Com base no exposto consta que os conflitos entre as trabalhadoras de sexo ocorrem pela concorrência dos clientes. A Luisinha disse ainda, que já lutou várias vezes por causa dos clientes, mas que nunca foi ela a começar a discussão. Entretanto, afirmou que a única vez que foi ela própria a provocar a luta foi por causa de um cliente chamado Bob, que, segundo ela: *é um cliente que anda sempre com muito dinheiro e que, talvez nem ele próprio sabe quanto tem.* Durante a conversa ela referiu que: *as discussões e lutas acontecem porque algumas putas*

gostam de seguir os clientes das outras. Há muitas putas que se fazem de dedes aqui. Durante conversa ela afirmou ainda que:

Aqui eu já lutei por Bob. Ele quando vai contigo para esquina te paga muito dinheiro e nem faz quase nada. Um dia fomos a esquina e ele me deu dois paus (2 mil meticais) e, quando ele foi tomar banho fiquei a tirar mais dinheiro nas botas dele, porque ele esconde dinheiro nas botas, mas quando saiu descobriu. Ele me prometeu dar mais dinheiro no dia seguinte. Mas nesse dia lhe encontrei com outra, fiquei zangada e fiz confusão até ele fugir, porque ele é meu cliente (Luisinha, trabalhadora de sexo e vendeira de cerveja).

Este exemplo permite compreender que a questão de querer exercer o controlo sobre o cliente em detrimento das outras, em todas ocasiões, acontece entre as *dedes*. Conclui-se com base no discurso da Luisinha que o que gera o conflito não é apenas a questão de ter o cliente, mas de sim tê-lo no primeiro momento e exercer o controlo sobre ele em outras ocasiões que ele aparecer naquele local. Neste caso é quando uma trabalhadora de sexo tenta ficar com o cliente da *dede*. Situações como essas acontecem no quotidiano do trabalho sexual. Uma das mulheres que vende os serviços sexuais contou, em uma das noites do trabalho de campo que,

Apesar de as vezes ter pouco movimento na barraca tenho medo me aproximar a alguns homens que se encontram nas barracas, mesmo quando parecem não ter companhia das outras mulheres porque, talvez eles são clientes fixos de outras colegas e que se aparecerem será confusão e luta na hora. E eu não gosto de barulho por causa dos homens (Arsénia, trabalhadora de sexo, 30 anos, residente do bairro Hulene).

Ela referiu que para evitar conflitos recorre a uma dede para ter o cliente. *Isso faz com que eu não me meta em problemas e lutas com as donas dos clientes* (Arsénia, trabalhadora de sexo mais nova, 30 anos, residente do bairro Hulene).

Nas palavras de Arsénia pôde entender a valorização e respeito das regras estabelecidas pelas trabalhadoras de sexo *dedes* para evitar os conflitos. Mas também notei que há um receio de se envolver com os clientes que são supostamente das *dedes*. Para tal, preferem fazer uma aliança com algumas *dedes* para evitar os conflitos pelos clientes. Mas algumas preferem resistir perante as imposições da *dedes*.

Entre as trabalhadoras de sexo mais novas existem aquelas que desafiam e procuram aceder os clientes sem o consentimento das *dedes*. Isso pode ser explicado a partir do discurso da Júlia, quando contou que:

comigo as *dedes* já não podem fazer aquilo de me controlar e me insultar, xih, eu e minha amiga já fizemos confusão para aquelas ali, até agora nos conhecem aquelas putas. Eu também sofria com elas quando era nova aqui. Mas eu discutia e lutava com elas até que consegui ganhar espaço (Júlia, trabalhadora de sexo dede).

A confusão que referiu foi de ela e a amiga terem ido vandalizar a casa de uma das trabalhadoras de sexo, atirando garrafas e pedras depois de um confronto que tiveram por causa de alguns clientes. Com base na informação, notei que os conflitos, sobretudo entre as *dedes* e as trabalhadoras de sexo mais novas, ocorrem por um lado, pela conquista e, por outro, pela manutenção dos clientes.

Quanto à discriminação entre as trabalhadoras de sexo, compreendi esse cenário em um dia de pesquisa no mês de Agosto, que entrei no bar da barraca Kape-kape as 23 horas. Todas as mesas incluindo o balcão estavam lotadas. Algumas mesas não tinham cadeiras, isso fazia com algumas pessoas consumissem as bebidas paradas ao redor das mesas e fora da barraca. Arranjei um espaço no balcão e me acomodei. Na barraca havia, naquele dia, entre 15 a 20 trabalhadoras de sexo e, entre seis a nove clientes. Havia quatro grupos separados de trabalhadoras de sexo. Uma sentada numa mesa a beberem vinho de marca Drostly Hof e outras, noutra mesa, a beberem cerveja 2M. Algumas paradas no balcão e a beber Whisky e outras a dançar. Comprei uma cerveja 2M e parei no balcão.

Uma trabalhadora de sexo no local, que trazia calças *jeans*, camisola cinzenta e chinelos, fez um gesto para mim, levantando o dedo indicador da mão direita. Ela estava na companhia de dois indivíduos, um homem e uma mulher. Eu fiquei indiferente ao gesto dela, mas ela se aproximou e disse:

tudo bem, estás sozinho? Posso tomar uma na sua conta? Eu disse sim e, ela levou a cerveja e disse: qualquer coisa, estou ali fora, não tenha medo de me chamar, não vais te arrepender (Trabalhadora de sexo mais nova).

Uma outra mulher que também vende os serviços sexuais no local, que vestia capulana de cor amarela e vermelha e, que posteriormente, apareceu vestida de cerola/colante vermelha e blusa preta, aproximou-se de mim e comentou de forma discreta no meu ouvido:

pai, te aconselho a não se envolver com aquela pita, ela tem SIDA. Vale pena procurar outra. Aquela ali anda dormir com aqueles camionistas que vem África do Sul. Esses *madjonedjones*⁹ que andam sempre com SIDA e que pagam em randes para não utilizar preservativo. Não vale a pena. Procura outra, eu posso te ajudar (Trabalhadora de sexo, *dede* de 29 anos, observação feita na barraca kape-kape).

Com base nos elementos acima apresentados notei que essa estratégia é também uma das formas de conflitar pela conquista ou manutenção dos clientes. A discriminação entre as trabalhadoras de sexo é também uma forma do conflito motivado pelo acesso e controlo do cliente. A discriminação é uma das estratégias que as *dedes* utilizam para aceder aos clientes em detrimento das trabalhadoras de sexo mais novas.

É importante realçar que as estratégias que algumas trabalhadoras de sexo criaram para controlar os clientes, abrem espaço para ocorrência de outros conflitos. Estes conflitos envolvem os clientes pela manutenção ou conquista das trabalhadoras de sexo. Alguns homens envolvem-se em conflitos para obter essas mulheres que vendem os serviços.

Os clientes para além de serem o motivo de disputa entre as trabalhadoras de sexo, eles se envolvem em conflitos, não apenas para obtê-las mas, também para controlá-las. Alguns clientes, além de pagar os serviços sexuais da trabalhadora de sexo, permanecem longo tempo com elas a consumir bebidas alcoólicas, chouriços, frangos assados, batata frita, espetadas de frangos e petiscos.

⁹ *Madjonedjones* são pessoas que trabalham ou que são provenientes da República da África do Sul.

Era sexta-feira, um dos dias de pesquisa na barraca Joyce, a estratégia utilizada por um cliente para o acesso à trabalhadora de sexo resultou em agressões físicas entre dois clientes. Dois clientes discutiram e lutaram pelo facto de um ter tentado falar com a trabalhadora de sexo que estava com o outro na mesa. Um cliente de calções brancos e camisa vermelha de mangas curtas, chamou a trabalhadora de sexo e alegou querer perguntá-la algo, a sós. Esta situação fez com que um cliente de calças pretas, botas pretas e camiseta azul-escuro, que estava com a trabalhadora de sexo, interviesse e perguntou ao outro:

qual é o problema mano? Você pensa que tem mais mola que quem Estás a chamar esta gaja não, vês que ela está ocupada? Isso é desafio, sabes. Se você vê ela aqui comigo é porque eu já paguei tudo (Cliente das trabalhadoras de sexo).

O outro respondeu e disse: *não se ocupam as mulheres neste lugar porque não são de ninguém. Se quiseres ocupar uma pita, vai ficar noutra sítio, mas não aqui. Aqui todas as mulheres estão em business*¹⁰ (Cliente das trabalhadoras de sexo, de calções brancos e camisa vermelha).

A partir daí discussão se prolongou até se agarraram de camisas e se atiraram garrafas e copos. Chegou a polícia e interveio. A polícia pegou um deles, o de calções brancos e camisa vermelha, e levou até ao carro da polícia. Passados mais ou menos cinco minutos o cliente reapareceu de novo na barraca. Ele ficou na barraca e se envolveu com uma outra trabalhadora de sexo que usava uma saia *jeans* azul, blusa castanha e chinelos brancos. Ficaram no balcão ambos a beber cerveja 2M. Duas horas depois os dois se foram num carro vermelho de marca Toyota corola a tocar um som com volume muito alto.

Todos os que estavam envolvidos na briga, incluindo a trabalhadora de sexo, disseram ao funcionário (balconista) da barraca para que ligasse a música que tinha desligado por causa da briga e pela presença da polícia. A trabalhadora de sexo disse:

jovem, continua lá a tocar a música porque os teus amigos polícias já se foram. Só queriam dinheiro aqueles, não queriam mais nada. Toca lá musica porque eu sei que hoje

¹⁰ *Business* significa negócio.

eles não virão mais. Assim estão ir visitar outro sítio. Só querem ameaçar nossos clientes (trabalhadora de sexo).

Com base nos exemplos expostos nota-se que existem conflitos entre os clientes pelo acesso as trabalhadoras de sexo, que são caracterizados por agressões. De uma forma geral consta que as estratégias de controlo entre os intervenientes no quotidiano do trabalho sexual geram os conflitos. O conflito entre as trabalhadoras de sexo é resultado do controlo permanente dos clientes após o acesso, onde um grupo quer exercer a manutenção dos clientes e o outro quer conquistar. Mas também, esses conflitos ocorrem entre os clientes, como consequência do acesso e controlo às trabalhadoras de sexo.

Estes resultados são parcialmente similares com o argumento de Piscitelli (1996), para quem os conflitos entre trabalhadoras de sexo são motivados por desentendimentos entre colegas no contexto da prostituição, sendo a disputa por clientes um dos mais recorrentes. Entretanto, os resultados desta secção se diferenciam parcialmente do argumento de Piscitelli, pois nelas compreendi que os conflitos ocorrem num contexto mais amplo e envolvem, não só as trabalhadoras de sexo, mas também os clientes.

6. Considerações finais

O presente estudo analisou os conflitos que ocorrem entre um grupo de trabalhadoras de sexo, nas barracas situadas perto da terminal de mercadorias das alfândegas na cidade de Maputo. Na literatura o assunto é analisado a partir de duas perspectivas. Uma primeira que defende que as prostitutas nativas e imigrantes conflituam pela manutenção ou conquista do território de trabalho (De Sousa e De Oliveira 2010; Mayorga 2010) e, uma segunda, que defende que os conflitos ocorrem pelo facto de as prostitutas, incluindo as imigrantes, venderem os serviços sexuais abaixo do preço pré-estabelecido (Bonadimani et al., 2012; Mendes e Marques, 2009; Mossuz-Lavau e Handman 2006).

Os referidos estudos permitem compreender como ocorrem os conflitos entre trabalhadoras de sexo num contexto de disputa territorial e num contexto de disputa financeira porém, ao centrar-se na análise das trabalhadoras de sexo em conflito esses estudos perdem de vista o contexto mais abrangente onde os conflitos ocorrem, incluindo outros intervenientes.

Com base em uma pesquisa etnográfica entre um grupo de trabalhadoras de sexo e seus clientes realizada nas barracas Joyce, Kape-Kape e outros locais, compreendi que no contexto de estudo, alguns clientes frequentam as barracas para consumir refeições, bebidas e acederem às trabalhadoras de sexo e seus serviços. As trabalhadoras de sexo, por seu turno, frequentam as barracas para ter acesso aos clientes mas, também para consumir bebidas. Compreendi, também, que no quotidiano das barracas existem conflitos entre trabalhadoras de sexo e entre clientes, resultantes da competição pelo controlo após o acesso do cliente ou da trabalhadora de sexo.

A partir desses resultados construí a hipótese segundo a qual, no contexto de estudo os conflitos resultam do facto de clientes e trabalhadoras de sexo, após acederem um aos outros, quererem ter o controlo para garantir um acesso permanente. Assim, entre as trabalhadoras de sexo, algumas querem ter o acesso e o controlo dos clientes; querem ter o controlo das trabalhadoras de sexo mais novas. Por seu turno, os clientes querem ter o acesso e controlo das trabalhadoras de sexo. O facto de cada um querer controlar o outro após o acesso resulta em conflitos, que são

caracterizados por agressões, repressões e discursos de ridicularização e discriminação entre os intervenientes em competição.

Diferentemente dos estudos que exploram os conflitos pelo acesso ao território (De Sousa e De Oliveira 2010; Mayorga 2010) e por causa dos preços abaixo do estipulado (Bonadimani et al., 2012; Mendes e Marques, 2009; Mossuz-Lavau e Handman 2006) restrito às trabalhadoras de sexo, o presente estudo mostrou que para além das trabalhadoras de sexo, os conflitos envolvem também os clientes no quotidiano do trabalho sexual, e resultam do interesse pelo acesso e controlo permanente de cada grupo sobre o outro. Assim, diante dessa competição, o conflito ocorre sempre que mais de uma pessoa está interessada em garantir o controlo, seja de clientes ou de trabalhadoras de sexo.

Sendo um estudo de carácter exploratório, a hipótese que apresento necessita de aprofundamento e pode ser um ponto de partida para futuras pesquisas.

Referências

- Alvarez, G. & Rodrigues, M. T. 2001. “Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área de HIV/Aids” *Revista de Ciências Sociais*. 32 (1/2): 53-68.
- Bonadimani, P. O. B. et al. 2012. “Práticas de saúde entre prostitutas de segmentos populares da cidade de Santa Maria-RS: o cuidado em rede” *Revista de Saúde Colectiva*. 3 (2): 40-81 Rio de Janeiro: Physis.
- Bourdieu, P. 1996. *Razões Práticas*. São Paulo: Papirus.
- Breder, J. C. S/D. *Controlo Social, Um modelo em construção: Contribuição do Tribunal de contas da União*.
- Cappele, M. C. A. 2005. *Relações de Poder segundo Bourdieu e Foucault: Uma Proposta de Articulação Teórica para a Análise das Organizações*.
- Dahrendorf, R. 1971. *Classes e Conflitos de Classes nas Sociedades Industriais*.
- Dantas, P. H. 2002. *Sexo sem beijo: alguns aspectos sobre a baixa prostituição no Rio de Janeiro*. Disponível em: <<http://www.aldeiaplanetaria.com.br/astrosintese/antropo1.htm>>
- Da Silva, L. B., & Lima, L. B. 2011. *Reflexões sobre Modos de Existência e Organização de Prostitutas no Centro Histórico de Salvador*. Salvador/BA.
- De Oliveira, M. W. et al. 2003. “Trabalho Sexual” in *Jornal do Centro Académico das Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos*. São Carlos.
- De Sousa, F. R. & De Oliveira, M. W. 2012. “Deslocamentos no Trabalho Sexual e Seus Reflexos na Efectivação dos Direitos de Mulheres Prostitutas” in *Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 2 (1): 25-66.

Gaspar, M. D. 1984. *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Golveia, F. J. P. & Da Rosa, M. W. B. 2011. *A Importância do Marketing de Relacionamento para as Organizações: Foco no Cliente Externo*. São Lourenço: Jaciara M/T.

Mayorga, C. 2010. Cruzando Fronteiras: Prostituição e Imigração. *Cadernos Pagu*. 3 (2): 33-58.

Mendes, M. N. & Marques, L. A. S. 2009. *A Vida na Zona, Desigualdades, Valores e as Complexas Redes que Quotidianamente se Estabelecem Entre Profissionais do Sexo, sua Prole e o Mundo Sob o Foco Educacional*. Fortaleza.

Moreira, I. C., & Monteiro, C. F. 2009. *Vivência da Entrevista Fenomenológica com Prostitutas: Relato de Experiência*.

Mossuz-Lavau, J. & Handman, M. E. 2006. "A Prostituição em Paris" in *Etnográfica*. 10 (1): 96-133. Lisboa.

Muianga, B. S. 2009. *Risco e Saúde no contexto do HIV/SIDA: O caso da Prostituição na Baixa da Cidade de Maputo*. Maputo: ISCTE.

Piscitelli, A. 1996. *Sexo Tropical: Comentários sobre gênero e raça em alguns textos da mídia brasileira*. Núcleo de Estudo do Gênero pagu/Unicamp. *Cadernos Pagu* (6-7): 9-34. Campinas-SP:

Simmel, G. 1955. *Conflict. The Web of Group Affiliations*. Free Press. Glencoe.

Touraine, A. 1973. *A Produção da Sociedade*. II Mulino.